

DEPOIMENTO DE CIPRIANA DA CRUZ RODRIGUES À COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que altura o tiro?

CIPRIANA: Na altura dos rins e essa bala passou entre a coluna e o intestino, não pegou no intestino e passou pra poupa direita e alojou e aí eu tomei aquele baque e só cai, não fiquei aleijada (trecho incompreensível) falou assim: “Não basta só deixa terminar.”, e ainda desceu foi lá na casa do meu irmão mata ele também, enquanto eu descia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Sempre que a senhora falar ele a senhora tem que se referir ao nome da pessoa.

CIPRIANA: O José Boaventura.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Isso.

CIPRIANA: Que foi quem deu o tiro em nós e ia atrás do meu irmão pra matar, meu irmão Lucas, Lucas Vieira da Silva, e aí ele desceu enquanto meu irmão e deu no dia que o meu irmão tinha saído junto com o **Jorge** para as reuniões pra o encontro de jovem na cidade ele não estava em casa [sic], ele chegou e perguntou e falou lá, a esposa dele saiu e falou assim: “Cadê o Lucas?”, “Saiu.”, “Pra onde?”, “Lucas está viajando.”, aí ele estava até com a boca da bolsa desabotoada ainda estava como revólver do jeito, mas aí o Lucas não estava em casa a Aparecida também não estava ele foi voltando enquanto ele voltava eu não tinha mais o que fazer fui voltando também, nós íamos topar ali na boca da ladeira, mas aí eu acisei [sic] que eu não acabava de chegar caminhando porque logo as costas foi ficando dura foi ficando sem conseguir andar direto aí cortei um atalho que tinha que entrava no mato pra vê se eu dava conta de acabar de chegar, porque era mais perto, quando eu cheguei nessa porteira minha menina estava, a menina que avisou pra nós a chegada do José Boaventura aí fui chegando lá e falei: “Minha filha não deu certo não, seu pai morreu.”, aí nossa ela caiu de cima dessa cerca rolou, me acompanhou, mas eu mandei ela ir pra casa porque eu já estava numa distância que

não dava para os fazendeiros me ver mais, quando eu olhei do outro lado aí passa ele de volta se ele me acha no caminho capaz dele me matar, mas eu tinha entrado nesse desvio aí ele não me achou. Enquanto isso meu irmão Vicente que já estava orientado, que a mulher dele chegou contou o que tinha acontecido ele ia pra ver o que nós vazia o que aconteceu com nós, aí foi (trecho incompreensível) não vi mais o pessoal me carregou com uma pra ir tratar e levou eu para o outro lado, eu não vi ele mais, e isso está doendo até hoje e é muito, porque nem só a pessoa que foi colocada na minha vida pra viver comigo e meus filhos e ele não merecia morrer desse jeito, não era homem de caçar encrenca, não era homem de beber cachaça era um homem tão calmo tão honesto, pagava tudo que devia a tempo e a hora era só poder [sic] e era um homem assim muito calmo muito ajeitado pra conviver e morrer desse jeito, e a gente pensou que podia ter justiça de punir esses homens que fazem isso com quem não estava caçando morte e foi julgado, mas tudo foi isentado porque era rico, né, e tinha poder de soltar pra mídia que eles era produtor grande enquanto nós éramos pequenos e quem foi preso foi nós [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Senhora Cipriana só pra terminar qual foi a data exatamente do acontecido?

CIPRIANA: Foi dia 6 de outubro de 1985.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: No município?

CIPRIANA: No municípios de Bonfinópolis, isso era umas nove horas da manhã no domingo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Aí teve o julgamento.

CIPRIANA: Veio o julgamento, mas isentou ele, tem até uma foto de mim mais minha filha do lado e um policial vigiando nós [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Qual filha da senhora?

CIPRIANA: Filha Maria Aparecida, aí tem a foto, mas eu não pensei pra trazer, nós duas conversando e o policial vigiando como se nós fosse criminosas e a gente conseguiu botar ele no banco de réu, mas ele foi inocentado se quer a gente conseguiu pelo menos ter uma indenização que eu acho que a gente merece,

porque na época eu tinha 6 filhos menor e nada foi feito não teve respaldo foi uma morte que ficou muito clara, da gente que era pobre inclusive era uma distância muito grande só chegava até nós com uma ponta pesada pra pisar pra ameaçar mesmo eles não tem piedade de ninguém que já sofre[sic], não precisa se honesto tanto faz se for honesto ou ladrão, talvez se fosse ladrão eles teria até tratado melhor, como a gente não sabia fazer o errado eles aproveitou que a gente era humilde não sabia carregar uma arma para dar neles um pipoco quando precisasse e se bem que assim que aconteceu meus filhos homens queriam vingar a morte deles, o sargento não acho que era ideal se eles fizesse alguma coisa se matasse algum deles[sic], porque era muito fácil de matar, assim como eles mataram com facilidade muito grande a gente também sabia matar, mas nós não íamos sair bem como eles saiu porque somos pobres, eles iam matar a família e não ia ser preso não porque ia alegar legítima defesa como alegou no dia do acontecido e a gente não tinha nada nas mãos e eles saíram admitindo que foi legítima defesa arrumou um delegado muito bravo, disse que era muito mal muito famoso pra fazer maldade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A senhora lembra o nome do delegado?

CIPRIANA: Não lembro, só sei que era um homem branco do olho azul e disse que era o terror daquele tempo, ele mandou o delegado fazer a perícia, ele chamou num quarto escuro e sozinho e foi fazendo as perguntas[sic], eu não sei negar, mas eu fui falando quando chegou na hora de ler depoimento meu ele estava contra mim aí eu não vi que eu depus errado não[sic], mas aí eles perguntaram: “Por que vocês depois desse jeito?”, falei: “Porque eu fiquei com medo, ele me levou pra um quarto escuro sozinho e eu não sabia o que ele queria, aí fiquei com medo.” e não tinha sido verdade mesmo não Deus que foi colocando palavra na minha boca, porque eu nessas alturas eu não tinha medo de mais nada não eu não estava com medo nem de morrer do jeito que eu sou assombrada com a morte não estava com medo de morrer não eu já tinha entrado na lama mesmo estava perseguida, minha família também perseguida, estava muito ruim e eu não tinha muito medo de morrer [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Onde que foi esse depoimento que a senhora estava falando, que o delegado chegou e chamou a senhora para um quarto escuro?

CIPRIANA: No Hospital de Base em Brasília.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Em Brasília, no Hospital de Base? a senhora estava internada?

CIPRIANA: Estava, porque quando aconteceu lá o pessoal me levou passou por Unai nem me desceu da ambulância levou direto pra Brasília pro Hospital de Base e aí esse delegado apareceu e chamou lá pro quarto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Quanto tempo mais ou menos a senhora lembra?

CIPRIANA: A foi uns 40 minutos ou mais.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Quanto tempo do dia que a senhora chegou?

CIPRIANA: No mesmo dia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Mesmo dia?

CIPRIANA: No mesmo dia, eu já tinha dado o depoimento, José Boaventura já tinha dado o depoimento dele e foi pegou o meu mais foi o delegado que arranhou para fazer esse depoimento, pra pegar o depoimento meu, foi o dia que arrumou para pegar o dele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Senhora Cipriana a senhora se lembra a data que a senhora deu o depoimento?

CIPRIANA: Foi no mesmo dia 6.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: 6 de?

CIPRIANA: 6 de outubro de 1985, isso foi nove horas da manhã quando deu a tardinha [sic] entrando na noite a gente já estava lá em Brasília, esse dia eu cheguei, esse dia me trouxeram pro hospital e tudo que contou o que era ninguém quis por a mão na sisura [sic] não fez nada, andou pegando o depoimento só pra saber quem

foi, e falou: “Não pode ir embora está liberado.”, aí a ambulância me levou pra casa do meu sobrinho lá no Brasília, lá no Guará.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Que dizer que a senhora não foi atendida?

CIPRIANA: Não, não quis mexer com nada não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Primeiro perguntou quem tinha sido o autor?

CIPRIANA: É, quer dizer, eles tinham feito uma perícia, não pôs a mão na sisura, mas eles tiram (trecho incompreensível) onde estava a bala e falou que não ia operar porque onde a bala parou não ia ficar atrapalhando por causa eu estava muito fraca e ia cortando e ia sair em cima daquele objeto e ia cortando e podia pegar infecção e aí não fez nada não [sic], aí mandou lá o Guará.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: Mas não deram algum remédio, alguma assistência?

CIPRIANA: Não nada, aplicou um litro de soro até fazer o depoimento e mandou eu ir embora aí a ambulância me levou aí cheguei na casa de meu sobrinho e já não aguentava mais sentar sozinha já estava com o corpo todo endurecido não conseguir sentar e (trecho incompreensível), aí o **Chico Vigilante**, quem sabe falei isso é assim, que eu sei que ele é um amigo que fez um trabalho muito bom nesse dia (trecho incompreensível) na mesma hora eles mandaram o homem me buscar aí eles medicou, mas não tirou a bala, aí na tomografia, é tomografia que chama? Eles colocou o aparelho e mostrou onde a bala estava onde ela passou e aquela chuveira assim da costas passou queimando, e é uma bala grande assim, mas essa eu carrego, não estava atrapalhando em nada e certamente era pra mim carregar ela no corpo como troféu, porque é um troféu do mal mais pra mim sobrou foi isso, fiquei sem marido com a família destruída com a bala na corpo e 6 meninos menor e 6 desses meninos que eles são 8, 6 ficou doente aí nós ficamos uns 4 anos com os meninos tudo dando crise, dava crise em um e cai pra lá e corria com eles com trabalhadeira e levava pro cidade pra interna e antes de buscar esse, o outro dava

e tinha que ir atrás pra buscar o outro nós ficamos 4 anos atrapalhado [sic] desse jeito e dai pra cá tem muitas, muitas passagens mas eu acho que já está bom.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Deixa eu perguntar a senhora, e o corpo? Quem ficou cuidando do corpo, a senhora lembra se foi feito alguma perícia, se levou pra Brasília também?

CIPRIANA: O corpo né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: É.

CIPRIANA: Sim, eu sei que veio uns policiais que foi chamado a primeira vez eles pegaram ele e levou pra...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Bonfinópolis.

CIPRIANA: Bonfinópolis e Bonfinópolis foi pra Unaí não? Foi pra Bonfinópolis e depois pra Natalândia, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi.

CIPRIANA: Eles queria enterrar ele em Natalândia, ficou doendo tanto que o sangue dele ficou derramando pra aqui pra acolá sem ao menos (trecho incompreensível) da sepultura, né, que não podia descansar ficou pra aqui pra acolá nessa jornada tão dolorida, e isso causou na cabeça dos meninos e a gente não conseguiu mais nada não, só a liberdade graças a Deus.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: É possível a gente voltar em alguns outros episódios que aconteceram lá, teve um ano que eles invadiram a roça e tomaram toda produção, a senhora lembra disso? A senhora lembra mais ou menos ano? pode contar um pouco para nós sobre isso?

CIPRIANA: Não me lembro não mas eu acho que foi bem perto, acho que foi em 1983.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: O mesmo ano que derrubaram a casa?

CIPRIANA: Sim, foi nesse ano ou no outro ano seguinte.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Como é que aconteceu isso?

CIPRIANA: Pois é primeiro eles avisavam através do vizinho que tinha pra fazer as intervenção [sic], primeiro eles soltavam a notícia que ia visitar nós aí mandou,

primeiro, nas roçadas que a gente fez eles mandou uns policiais, não sei se era um cabo eu sei que era um cara da polícia, bichão [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Fardado?

CIPRIANA: Sim, fardado grandão forte da cara ruim, chegou eu estava fazendo almoço pra levar pra roça e quando ele chegou lá e falou, que eu sai e aquele tanto de policial esquisito aí foi pegando depoimento meu e brigando, e tudo que eu falava retrucava aí eu falei: “Vem cá o que que você viu comigo, porque eu nem te conheço, e você não me conhece pra saber o que eu já fiz na vida porque você está me tratando assim?”, aí ele só respondeu assim: “Nem que hoje eu piso em você e mais adiante eu piso em mim, mas eu vou pisar em você, hoje.” [sic] e aí eu mal acabei de fazer almoço eu toda tremula, toda incomodada e que o meu medo era deles ir lá na roça e matar o povo que estava trabalhando, acabei de fazer a comida e fui os menino estava pra escola aí corri lá e falei pra Júlio os menino, acho que Vicente estava lá também, e aí falei eu disse assim, como é gente eu esqueço um bucado das coisa [sic], eu sei que no final eles mandou, no outro dia eles mandou alguém pra cutucar nós porque eles vinham buscar e tomar a produção.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A polícia veio um dia.

CIPRIANA: Veio, e depois duas vezes, veio duas vezes esse dia que veio investigando pra poder brigando comigo, porque já sabia que eu sou atrevida e que eu estava com razão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A senhora sabe se era Polícia Militar, Polícia Civil?

CIPRIANA: Não sei não, eu não tinha costume com polícia, se não quando pegou mandato a polícia veio visitar a gente eu não tinha, eu não sei não era uma polícia muito...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Mas estava fardado?

CIPRIANA: Estava fardado, eu não lembro direto a cor da farda mas é uma farda escura uns detalhes vermelho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: E quantos eram?

CIPRIANA: A eram cinco, uns cinco ou seis eu não tenho certeza, mas era no mínimo uns seis.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Vieram uma vez?

CIPRIANA: Veio, ameaçou bastante falou que ia pisar em mim, acho que não foi no outro dia não, eu esqueço mais foi logo e ele voltou pra catar os mantimentos e eu não sei mais como ficou porque a gente fica tão aparentado porque muita coisa a gente não lembra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Mas quem voltou pra pegar os alimentos, pegar a produção da roça, foram os policiais ou os empregados jagunço da fazenda?

CIPRIANA: Veio tudo né, polícia com empregado pra pegar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: E aí fez o que?

CIPRIANA: E aí que eu não lembro mais como ficou porque deu muitas versões muita coisa ao mesmo tempo, eu não lembro se eles chegou a levar ou se eles veio só pra intimidar mesmo, e porque eu tinha tentado de todo jeito, o jeito é mudar de lá, porque estava ruim demais, aí, mas não deu certo a gente não mudou e ficou tendo esses detalhe tudo a vida inteira, a gente viveu lá 17 anos que não comia direito, não dormia direito, a gente não tinha paz não tinha alegria, não tinha... olha a gente passou, mas não era de gente que presta não, e nisso eles ficaram pensando ficou muito encravado aquele monte de coisa ruim, a gente nunca teve intenção de ofender ninguém, queria liberdade pra trabalhar honestamente e criar nossos filhos, e foi difícil a gente criar nossos filhos até essa altura, os dois e depois disso que eu fiquei viúva, ao invés assim, queria incrementar lá naquela reunião que teve falou sobre anistia, sobre a prisão das pessoas que foi preso por causa da política e eu lembrava que a gente também estava ficando preso esse tempo todo nessa prisão que não era a cadeia, mas era prisão terrível que era com ameaça de morte e também tirou de nós o pão de cada dia que a gente colocava pros filhos, deixou os filhos sem comer o que presta, a gente não comia o que presta e no fim a gente estava passando era fome, não tinha com o que tratar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Quando acontecia essas ameaças vocês denunciava nas autoridades, denunciava?

CIPRIANA: Não, olha era ao contrário, quando eles sabiam de alguma coisa que a gente fez uma rocinha, ou fez uma cerca em algum lugar, plantava, eles mandava logo o... como que fala aquele cara que vem trazer o...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Oficial de Justiça?

CIPRIANA: O oficial de justiça manda logo para nós ir responder lá aí a gente ia vender o que a gente tinha guardado pra comer desse menino vendia aquilo pra poder pagar passagem pra ir lá, chegava lá era só pra tomar de nós e fazer nós sofrer era isso que...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Chegava lá a onde?

CIPRIANA: Lá na João Pinheiro, a gente pagava passagem pra ir na João Pinheiro pra depor assistência que eles tinham denunciado e ao invés da gente denunciar a gente que ia denunciado porque não tinha ainda nem consciência direito pra dizer que a gente ia fazer um saída assim pra poder denunciar pra livrar o nosso povo a gente era humilde de mais, somos ainda porque eu nem pude estudar, eu só sei ler escrever eu não tive estudo pra descobrir as coisas pra saber o que pode fazer pra aliviar a nossa dor de jeito que esses anos que eu tenho aqui Deus premedito porque eu precisava de viver para ver que ele tem poder pra levar a gente apesar de tudo a gente cai mais levanta, torna a cair ganha força pra levantar e é essa vida.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A senhora gostaria de falar mais alguma coisa? A senhora falou pouco sobre o sindicato a senhora queria falar mais alguma coisa da participação do Julho da senhora na formação do sindicato, por que vocês participaram disso.

CIPRIANA: Pois é eu... A hora que eu falei da criação do sindicato eu queria até ter falado mais, porque o sindicato foi fundado por nós, inclusive minha filha virou presidente representante lá e a gente entrou, ajudou a fundar o sindicato, a gente assumia as mensalidades direitinho que a gente ia precisar dele, e o sindicato trabalhou muito por isso e eles trouxesse muita gente para nos da apoio [sic], nos

dá força, ensinou a gente como clareai mais a consciência a gente foi aprendendo a cobrar o que era de direito, foi a través do sindicato que a gente foi intendendo foi a CPT, a CUT, a muitos colegas muitos amigos dessas áreas que tinha conhecimento levou pra nós consciência, mais consciência, trazia muitos assim caminhos pra gente tomar pra aprender a sair da enrascada e tal mais até então a gente não conseguiu, né, a coisa melhor que tinha era que se a gente pudesse estudar, ter estudado antes pra gente poder se sair melhor com essa de ter fundado o sindicato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Qual o nome do sindicato ?

CIPRIANA: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Unaí, esse sindicato ajudou muito mas também ficou prejudicado até hoje a gente tenta fundar lá algum órgão que nos atendam e ainda esta muito fechado na mão daqueles poderoso que aqueles que mata os fiscais do Ministério do Trabalho, aqueles que faz com trabalho escravo, ainda tem trabalho escravo por lá e a gente sabendo disso tudo é uma prisão, é uma prisão que a gente sempre vive só que não é só nós em particular, o sindicato também vive sofrendo isso, uma hora tem que abrir mão pra não perde tudo, tem que abrir mão de algumas coisas do nosso partido que eu não tenho vergonha de falar que o partido do PT que é o Partido dos Trabalhador [sic] foi criado, foi por Deus, foi criado pra mostrar que os pobres também tem valor, tem poder e unidos é capaz de fazer muito mais, agora eles também sofre repreensão, minha filha mesmo teve que mudar de lá de pressa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: A senhora pode dizer o nome da sua filha

CIPRIANA: Maria Aparecida.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Sempre que for falar o nome de alguém, eu vou pedir a senhora por gentileza falar o nome da pessoa tá.

CIPRIANA: Então tá, desculpa que eu já foi orientada e passei por cima. Inclusive ela minha filha que é a Maria Aparecida foi viver lá em enfrentando tudo, porque na época era muito difícil enfrentar fazendeiro era ameaçada de bala mesmo, e eles perseguiu né e ela teve que mudar de lá, mudou de lá e os outros ficou e até hoje a gente nunca conseguiu com o PT lá de verdade, até tinha algum que quer

representar, mas no final não ganha e eu perdi a vida inteira com o PT, mas eu não estou cansada eu vou continuar, porque eu sei que esse partido vai nos ajudar e muito porque a gente não acabou a necessidade, a minha necessidade do começo passou, mas está continuando porque a gente precisa os nossos filhos os nossos netos da continuidade na vida.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E o júri também participava do sindicato?

CIPRIANA: Participava, ele assistia as reuniões ele pagava direitinho todo mês, pagava pra ele pra mim porque nós todos era associado e quando ia dando os dias dele ir pro sindicato eu ficava tão feliz, porque eu tenho uma filha lá, né, que é a Maria Aparecida, e eu estava sentindo incentivada pra abrir mais a consciência aprender mais, e ele tinha tanta dificuldade pra ir, porque tinha que pagar passagem, e dinheiro pra nós era difícil, mas ele dava um jeitinho *[sic]* largava o serviço e ia e sempre que tinha uma manifestação eles estava junto animado assim, era calado, mas estava lá, tudo que ele precisava..